

inferiores, em dada sociedade, são as raças que participam em menor grau do produto do próprio trabalho. Isto porque a sociedade capitalista revela uma capacidade excepcional para controlar, disciplinar, reprimir ou dar novas soluções aos antagonismos e conflitos sociais de base racial. Nesta medida, o racismo seria retirado de dentro do escravismo, retido e recriado no interior das relações capitalistas de produção. Por outro lado, a sociedade capitalista não tem mostrado capacidade especial para resolver as situações de antagonismo e conflito segundo os interesses da raça discriminadas, oprimidas ou subalternas. Daí, explica o autor, os freqüentes desdobramentos e irrupções de tensão e violência racial. Raça e classe não se reproduzem uma a outra, pois são determinações importantes que precisam ser compreendidas em sua especificidade. Mas seria equívoca e incompleta a interpretação de problemas raciais que não incorporasse a condição das pessoas na estrutura de classes da sociedade.

Ana Lúcia Eduardo Farah Valente

*

D. E. BERTHELS, B. N. KOMISSAROV, T. I. LYSENKO: *Materialien der Brasilien expedition 1821-1829 des Akademiemitgliedes Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff (Grigorij Ivanovič Langsdorff) — Vollständige wissenschaftliche Beschreibung*. Berlin, Verlag Dietrich Reimer, 1979. 268 p., 25 pranchas, 1 mapa, bibliografia. (Völkerkundliche Abhandlungen, Band VII, herausgegeben von Hans Becher).

Preço: 150 DM.

Hans Becher, diretor da divisão americana do Museu de Etnologia de Hannover, Alemanha, é conhecido nos meios especializados pelas suas pesquisas entre índios do noroeste do Brasil. Ele, trabalhando entre os Surára, Pakidái e Ironasitéri, assim como Otto Zerries e Meinhard Schuster, entre os Waika venezuelanos, inauguraram na década de 50 a investigação sistemática dos grupos yanomámi, tão em moda nos dias que correm. Igualmente importante é a atividade editorial de Hans Becher à testa da série *Völkerkundliche Abhandlungen* (Estudos Etnológicos) publicada pelo Museu de Hannover e pela Sociedade Etnológica da mesma cidade no norte alemão. A série distingue-se por publicações primorosas do ponto de vista da forma e do conteúdo. Nela, Becher reeditou os dois volumes da Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira de Herbert Baldus com os seus 2.834 títulos comentados, que abrangem praticamente tudo o que se escreveu sobre os índios brasileiros de 1500 a 1967. Em 1973 fez sair, em português, a obra de Protásio Frikel sobre o sistema adaptativo dos Tiriyo e, em 1974, apareceu na série o belo trabalho do próprio Becher sobre a mitologia yanomámi e suas expressões no estilo de vida de três subdivisões da tribo.

A merecida série apresenta agora, em edição ampliada e luxuosa, a tradução de um original russo de 1973 que dá conta dos materiais da expedição Langsdorff ao Brasil, existentes em diversos arquivos da União Soviética, principalmente de Leningrado. Apesar de redigida em alemão, ainda assim é acessível, mais do que o original em cirílico, pois grande parte dos materiais inventariados foram escritos em português, francês ou alemão pelos integrantes da expedição. Além disso, uma introdução (pp. xiii-xiv) e um resumo (pp. 191-195) em português fornecem respectivamente uma rápida visão dos acontecimentos que culminaram nesta publicação, um histórico do interesse pelos materiais da expedição e um sumário dos diversos capítulos que integram a obra. Esses cuidados de Hans Becher permitem portanto, a consulta, mesmo ao estudioso não familiarizado com o idioma alemão.

É curiosa a história das expedições científicas no Brasil no século XIX. Algumas, como a do príncipe de Wied ou a de Spix e Martius, por exemplo, são bem conhecidas do público erudito atual. E as obras de certos viajantes, particularmente daqueles que manejaram pena e pincel para retratar paisagens e cenas brasileiras da época, volta e meia merecem a atenção de novas edições. É o caso de Debret, de Florence e principalmente de Rugendas. Este acaba de reapresentar-se num belíssimo volume da Livraria Cosmos, preparado com amor, precisão e cuidado artesanais por Newton Carneiro (cheio de fotos de óleos e desenhos originais desenterrados por longa pesquisa). Mas da expedição em que atuaram, Rugendas primeiro, Florence e Adriano Taunay depois, dessa “penosíssima, atribulada e infeliz peregrinação pelo interior do vasto império do Brasil”, que vitimou o pintor Taunay e inutilizou Langsdorff pelo resto da vida, dessa expedição conheciam-se o roteiro e os eventos através dos escritos florencianos. Quanto aos materiais coletados, apenas tornou-se acessível em nosso meio a descrição de Manizer dos artefatos indígenas (Guató, Bororo, Apiaká e Munduruku) trazidos da viagem, graças à tradução de Osvaldo Peralva para a Brasileira (1967), a partir do original russo de 1948. No Exterior, esses materiais vinham merecendo atenção de longa data, mas, encontrando-se dispersos em diferentes arquivos da União Soviética, tiveram de esperar pelo jovem historiógrafo Boris Komissarov de Leningrado para serem recuperados e avaliados. E Komissarov tornou-se, nas palavras de Hans Becher, o *spiritus rector* do projeto que levou à presente publicação.

Já a capa do livro causa prazer: nela se reproduz uma aquarela de Adriano Taunay, de cores vibrantes, com magníficos buritis carregados de frutos vistos em 1827 no distrito de Chapada em Mato Grosso. Em primeiro plano, três índios Guaná, com indumentária e apetrechos cuidadosamente registrados.

Komissarov faz em seguida uma exposição meticulosa da presença de Langsdorff no Brasil e do desenrolar da expedição, acrescentando-lhe o levantamento dos trabalhos publicados sobre o assunto, da documentação já recuperada na União Soviética e daquela que ainda poderá vir a ser descoberta em outros países, particularmente no Brasil (Florence, Riedel, Rugendas e Taunay). Vem então o inventário de 775 documentos, cada qual provido de descrição circunstanciada, distribuídos

nas seguintes categorias: 1. diários dos integrantes da expedição (Langsdorff, Ménétie e Florence), pp. 44-49; 2. seus trabalhos concluídos (Langsdorff, Rubzov, Florence), pp. 49-50; 3. manuscritos (Langsdorff, Ménétie, Riedel, Rubzov, Florence), pp. 51-60; 4. materiais inéditos e impressos estudados por Langsdorff, pp. 60-72; 5. mapas dos roteiros e plantas de povoados, de autoria de Rubzov, pp. 72-77; 6. desenhos de Langsdorff, Rugendas e Florence, com motivos de flora, fauna, paisagens, cidades, povoados, tipos físicos de índios e negros, pp. 78-135; 7. materiais relacionados com a organização e o trabalho da expedição, pp. 135-171; 8. correspondência de Langsdorff, pp. 171-181. Vários índices facilitam a consulta do livro e a bibliografia final é exhaustiva, dando ainda uma boa idéia das numerosas publicações russas relativas à expedição Langsdorff. Ilustrações, a cores e em branco-e-preto, algumas inéditas, e um mapa do roteiro dos viajantes, encerram o volume.

Corre a notícia de que o Centro Nacional de Referência Cultural prepara a tradução do inventário. Trata-se, sem dúvida, de iniciativa louvável, pois fornecerá melhores condições de estudo a diversos especialistas. Aos lingüistas interessarão, por exemplo, os vocabulários indígenas coletados pela expedição (Coropói, Coroadó, Puri, Maxakali, Kayapó do sul, Guaná). Os preços correntes das mercadorias em Porto Feliz, Santos, São Paulo, Ouro Preto, os dados sobre a terapêutica rústica das zonas interioranas e as diagnoses dos males que afligiam os pacientes do médico Langsdorff, as estatísticas vitais ("Vieillards de Porto Feliz, décedés dans cette ville, dans cette ville, dans l'espace de 4 ans environ"), são materiais de interesse a várias especialidades. Mais ainda, os 369 desenhos arrolados, feitos pelos vários membros da expedição, documentam a realidade de então das regiões visitadas em termos de zoologia, botânica e etnografia, de recursos naturais, arquitetura e urbanismo, constituindo um acervo precioso e inédito para a iconografia brasileira do início do século passado.

Thekla Hartmann

*